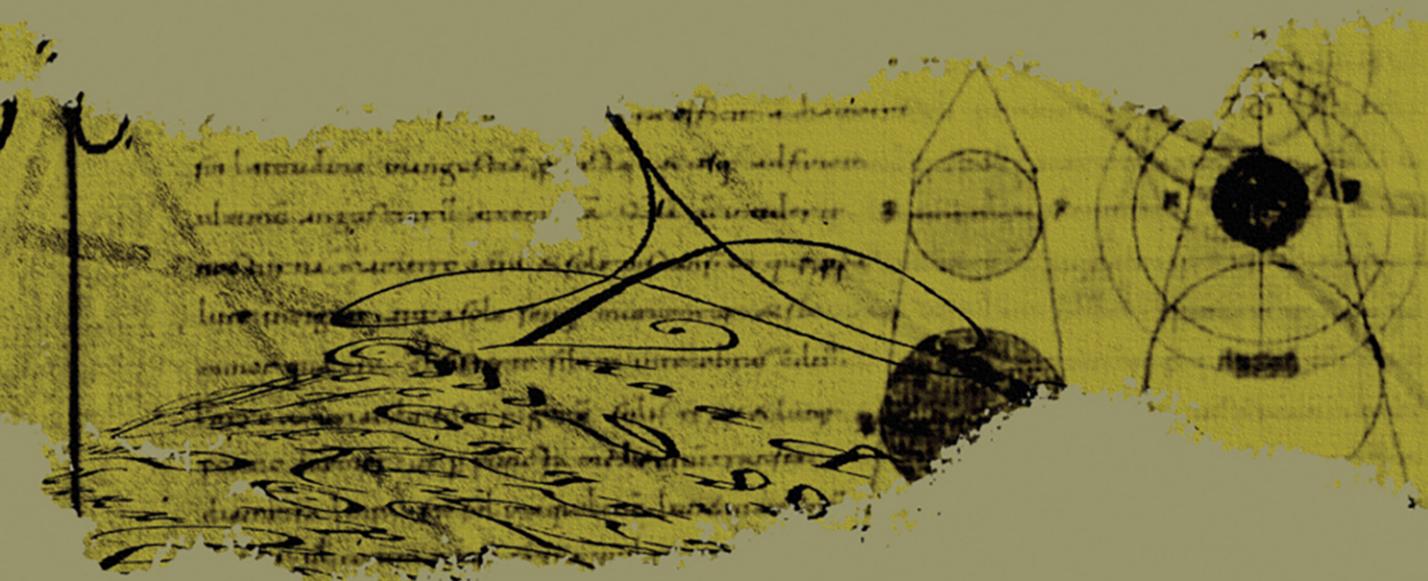


Universidade e Conhecimento

POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE



Ernâni Lampert
Maíra Baumgarten
Organizadores


Editora Sulina


UFRGS
EDITORA

CENÁRIOS DO
CONHECIMENTO



Universidade e Conhecimento

POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL

Reitor
Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor e Pró-Reitor
de Coordenação Acadêmica
Rui Vicente Oppermann

EDITORA DA UFRGS

Diretora
Sara Viola Rodrigues

Conselho Editorial
Alexandre Santos
Ana Lígia Lia de Paula Ramos
Carlos Alberto Steil
Cornelia Eckert
Maria do Rocio Fontoura Teixeira
Rejane Maria Ribeiro Teixeira
Rosa Nívea Pedroso
Sergio Schneider
Susana Cardoso
Tania Mara Galli Fonseca
Valéria N. Oliveira Monaretto
Sara Viola Rodrigues, presidente

CENÁRIOS DO
CONHECIMENTO



Coordenação da Série
Maíra Baugarten
(FURG/UFRGS, Porto Alegre)

Conselho Editorial
Ana Maria Fernandes
(UNB, Brasília)

César Ricardo Siqueira Bolaño
(UFS, Sergipe)

Clarissa Eckert Baeta Neves
(UFRGS, Porto Alegre)

Emâni Lampert
(FURG, Rio Grande)

Fernanda Sobral
(UNB, Brasília)

Gilson Lima
(UFRGS, Porto Alegre)

Ingrid Sarti
(UFRJ, Rio de Janeiro)

Ivan Izquierdo
(FUCRS, Porto Alegre)

José Vicente Tavares Dos Santos
(UFRGS, Porto Alegre)

Jorge Olimpio Bento
(Univ. Porto, Portugal)

Maria Lucia Maciel
(UFRJ, Rio de Janeiro)

Universidade e Conhecimento

POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE

AFRÂNIO MENDES CATANI BEATRIZ GABIÁN
ERNÂNI LAMPERT (ORG.) GILBERTO LACERDA DOS SANTOS
GISELE SILVA LIRA DE RESENDE MAGDA FLORIANA DAMIANI
MAÍRA BAUMGARTEN (ORG.) MARÍA ADORACIÓN HOLGADO SÁNCHEZ
MARIA TERESA RAMOS BERNAL MARLY AUGUSTA LOPES DE MAGALHÃES
RENATO DE SOUSA PORTO GILLOLI



Ernâni Lampert
Maíra Baumgarten
Organizadores

© dos autores

Capa:
Carla M. Luzzatto

Projeto gráfico e editoração:
Niura Fernanda Souza

Revisão:
Caren Capaverde

Editor:
Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

U58

Universidade e conhecimento: possibilidades e desafios
na contemporaneidade / organizado por Ernâni Lampert e Maira
Baumgarten. – Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2010.
167 p.

ISBN: 978-85-205-0570-0
ISBN: 978-85-386-0095-4

1. Educação. 2. Sociologia da educação. 3. Universidade I. Lampert,
Ernâni. II. Baumgarten, Maira.

CDU: 37
37.015.4
CDU: 370

Todos os direitos desta edição são reservados para:
Editora Meridional Ltda e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 - Bom Fim
Cep: 90035-190 - Porto Alegre - RS
Fone: (0xx51) 3311.4082
Fax: (0xx51) 3264.4194
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Ramiro Barcelos, 2500 – Santa Cecília
– Porto Alegre, RS – 90035-003
Fone/fax (51) 3308.5645 – www.editora.ufrgs.br
www.livraria.ufrgs.br

Setembro/2010

Introdução

Universidade e Sociedade – construindo mediações

A sociedade hodierna é contraditória e assimétrica. Se é possível afirmar que a ciência e a tecnologia têm contribuído para que avanços extraordinários sejam produzidos, em praticamente todos os campos do conhecimento humano, beneficiando parcelas da população; há, por outro lado, muita controvérsia envolvendo a tecnociência e seus produtos, que, por suas características lucrativas e sua tendência ao segredo e à privatização, tem excluído parte expressiva da população em todos os continentes, especialmente naqueles situados na periferia dos centros capitalistas.

A *Internet*, produto da aliança entre os avanços da ciência e tecnologia e os do capital e suas necessidades crescentes de conexão e expansão, transformou-se em poderosa ferramenta de formação de redes, ligando, simultânea e velozmente, empresas, centros de pesquisa, universidades, países e continentes, integrando-os em um ambiente de comunicação global. Entretanto há um enorme contingente de populações excluídas do acesso a esses meios e seus benefícios, sendo que a própria lógica do desenvolvimento dessas tecnologias (baseada no mercado) conduz seus usos, entre os quais podemos encontrar aplicações tão díspares como na financeirização da economia mundial, na integração e otimização do crime organizado, nas possibilidades de controle totalitário de populações, nas redes sociais, entre muitas outras.

Na economia, instância em que a competição e globalização são as molas impulsoras, fala-se em hiperpotência, hipercapitalismo, hipershoppings, hipermercado. As análises sociais, não obstante, detectam uma sociedade

segmentada em que poucos têm acesso às riquezas produzidas e muitos vivem, ainda, em condições indignas de sobrevivência, sem alimento e abrigo.

O mundo atual é pleno de ambiguidades. Ao mesmo tempo em que o ambiente é devastado em nome do progresso, há uma (re)valorização da natureza e a retórica recai sobre o desenvolvimento sustentável. Na política, observamos importantes processos de (re)democratização de países, criação de instâncias e leis de tipos diversos que visam manter a ordem social ao lado da depredação do patrimônio político e da corrupção que ocorre em praticamente todas as esferas e instâncias. Essa situação se faz acompanhar por ataques ao Estado e suas estruturas, empreendidos pela reação neoliberal, fragilizada, não obstante pela recente crise financeira mundial que vem lembrar a importância do Estado e de suas políticas no controle das crises e encaminhamento de problemas econômicos e sociais.

As novas tecnologias genéticas, a nanotecnologia, os novos materiais e os avanços na medicina compõem uma realidade ímpar. Um mundo em que enfermidades são descobertas, prevenidas e curadas, em que a qualidade da vida melhora e em que aumenta a esperança de vida para muitos; um planeta em que espécies desaparecem diariamente, no qual desenvolvem-se novos superorganismos resistentes a antibióticos, pelo uso inadequado dos mesmos, um mundo em que a Terra aos poucos se exaure e o clima é mutante. Nessa nova aldeia global, inúmeras pessoas deixam de ser assistidas no que se refere a condições mínimas de higiene e de saúde e tantas outras morrem nas guerras instantâneas originadas nos interesses das grandes corporações e alimentadas por veleidades políticas e delírios de poder.

Avançamos em termos de diversidade cultural, da liberdade de organização e atuação de movimentos de minorias e das mulheres, de direitos humanos, na criação de novos espaços públicos não governamentais. Entretanto, a xenofobia, o racismo, a “guerra cultural” e a violência estão em ascensão e concentram grande quantidade das discussões na sociedade “pós-moderna” na qual impera a mercadoria, o consumismo, o pragmatismo e imediatismo, a indiferença e o individualismo, em que o vazio, o hedonismo, a fuga da realidade e a crise da ética são algumas das características centrais.

Nessa sociedade, as artes tiveram impulso fenomenal, e novas formas de expressão surgem a cada instante, ao mesmo tempo, a arte de massa, na maioria das vezes, tem conotação puramente mercantil. Na área educacional, novas teorias, modalidades de ensino e perspectivas são geradas, assim como há preocupação com os excluídos e o adulto maduro, no entanto a educação é, cada vez mais, considerada como uma mercadoria, no ensino existindo uma saturação de informações, fragmentação do conhecimento e decadência da qualidade. A qualidade do ensino vem sendo crescentemente comprometida pelas graves deficiências de formação escolar prévia de seus alunos e pela falta de perspectiva crítica e formação integral.

A universidade, inserida nesta metamorfose dialética, atravessou os “megaparadigmas”. Na modernidade, era tributária dos princípios da razão e do Estado e na contemporaneidade está sem um modelo capaz de dar sustentabilidade a suas funções básicas, sendo questionada pela própria coletividade acadêmica e por diferentes segmentos sociais. Se, sob um prisma, a universidade, principalmente a pública, tem contribuído de maneira significativa na produção de conhecimentos e na melhoria da qualidade de vida, ela tem servido, também, para a manutenção do “status quo”. A lógica da mercadorização adentra também os espaços acadêmicos e se impõe através da perspectiva do produtivismo e da competitividade. Nos países da periferia e semiperiferia mundial não há mediações entre sociedade e universidade, e essa mantém-se afastada da realidade local devido, em grande parte, às parcelas da coletividade científica que acreditam circular em um mundo próprio e autônomo no qual os efeitos sociais de suas práticas não precisam apresentar relevância social.

Diante desse panorama desanimador e problemático visto por um ângulo e desafiador e estimulador visto por outro, professores/pesquisadores da América Latina e da Europa, engajados com a problemática, trazem ao leitor, a título de reflexão, algumas das formas de produção de conhecimento da universidade em suas funções de pesquisa, ensino e extensão. São apresentados oito capítulos com enfoques variados resultantes de pesquisas e estudos em diferentes linhas investigatórias e especificidades características de cada pesquisador.

Na primeira parte deste livro – Universidade e Sociedade – discutem-se a universidade, novos modos de produzir conhecimentos científicos e tecnológicos e relações entre o mundo acadêmico e a sociedade.

No primeiro capítulo, Ernâni Lampert aponta a necessidade urgente de se (re)criar a universidade dentro do atual momento político, econômico, social, tecnológico e cultural. Tendo presente o contexto da ideologia neoliberal e do processo de globalização, que veem, grosso modo, a educação como uma mercadoria, o autor desenha um recriar da universidade, ou seja, um novo olhar para algumas questões problemáticas, que acompanham a universidade ao longo de sua história: missão, autonomia, gestão, financiamento, abordagem curricular, pesquisa, atualização de recursos humanos e avaliação institucional. Esses aspectos são analisados de maneira sinóptica, objetivando apontar, dentro da atual estrutura universitária, caminhos alternativos para que a universidade repense suas convicções e práxis, buscando qualificar mais o ensino, contribuir no desenvolvimento sustentável e melhorar as condições de vida da sociedade como um todo. A título de reflexão são apresentadas algumas questões que a problemática em debate envolve e que podem servir de aporte para futuras investigações.

No segundo capítulo, Gilberto Lacerda dos Santos discute o papel da Universidade e das novas tecnologias de informação, comunicação e expressão (NTICE) no contexto do Novo Modo de Produção de Conhecimentos Científicos e Tecnológicos (M2). A análise é feita à luz de abordagens diversas. Em um primeiro momento, o autor aponta os indícios da emergência de M2 para, logo a seguir, apresentar os princípios de M2 apontados por Gibbons e seus colaboradores (1994). Tais princípios são aplicados tanto às Ciências Naturais, quanto às Artes e Humanidades. Depois, analisa o modelo da Tripla Hélice, proposto por Etzkowitz e Leydersdoff (1987, 1988), para elucidar os novos processos de produção de ciência e tecnologia. Para o autor, o avanço rumo a M2 é, de fato, tributário de uma revisão do papel do ambiente universitário e de uma percepção clara acerca da influência do ambiente societário atual, ambos articulados em torno de um substantivo aumento do fluxo de informações, de novas possibilidades de pesquisa de busca de

informações e de uma intensificação das possibilidades de expressão e de comunicação científicas.

Maíra Baumgarten, no capítulo três, trata das interações entre universidade e sociedade, abordando a temática das repercussões sociais de pesquisas produzidas na universidade e das estratégias de divulgação dessas pesquisas. Segundo Baumgarten, apesar da importância crescente das relações entre ciência, tecnologia e sustentabilidade no atual mundo globalizado, as repercussões sociais e econômicas da pesquisa realizada na universidade são pouco conhecidas pela população, por parlamentares e por gestores públicos. Por outro lado, as atividades de difusão, extensão e educação científica não são adequadamente valorizadas nas instituições de pesquisa e nas universidades, assim como nas agências de fomento e gestão de CT&I. Com base nessa problemática, a autora discute a necessidade de instrumentos (metodologias) para a identificação de efeitos sociais da pesquisa científica realizada na universidade. A ideia envolvida é que o desenvolvimento e o aperfeiçoamento dessas metodologias permitirão avaliar níveis, formas e condições de transferência do conhecimento científico e tecnológico para a sociedade, bem como, os tipos e âmbitos de apropriação social desses conhecimentos, possibilitando verificar efeitos da pesquisa universitária em termos de geração de tecnologias sociais e de inovação social e melhorar a compreensão acerca das mediações (ou falta de) entre a universidade e a sociedade. Alguns resultados de pesquisa desenvolvida nesse sentido são apresentados ao final do capítulo.

No capítulo quatro, Beatriz Gabbiani apresenta uma reflexão a respeito das relações que as universidades estabelecem com a comunidade, tendo por objetivo produzir conhecimentos. A reflexão é centrada no âmbito das ciências humanas e sociais, particularmente nos estudos sobre a linguagem e educação, linha de pesquisa da autora. Baseado na premissa de que todo estudo científico necessita ter uma dimensão ética, sustenta que as ciências sociais e humanas, ao ter as pessoas como sujeitos de estudo, devem necessariamente problematizar o tema do ético e dar-lhe um lugar central. O capítulo está centrado em quatro aspectos principais: o tratamento que se dá às pessoas observadas; como se conseguem e como se usam os dados; que devoluções são feitas para a comunidade e finalmente em que base se resolve intervir nas

situações estudadas no marco de investigações aplicadas. O trabalho da autora promove a criação de âmbitos de reflexão conjuntos entre investigadores e membros da comunidade pesquisada, no marco da investigação colaborativa. Como isso nem sempre é possível, levanta a preocupação de que se gerem espaços para divulgar as possibilidades até mesmo de *empowerment* que a criação de conhecimento nesse tipo de investigação apresenta à comunidade.

Na segunda parte do livro – Universidade e construção do conhecimento – debatem-se temas ligados à construção do conhecimento na universidade. A formação para a pesquisa (aprender a fazer ciência) e tendências atuais em processos de produção de conhecimento, abordando casos concretos.

Magda Floriana Damiani, no quinto capítulo, analisa, desde o ponto de vista da psicologia da aprendizagem, alguns aspectos envolvidos no processo de formação para pesquisa, vivenciado por estudantes de cursos de graduação que participam de programas de iniciação científica. A autora propõe que os benefícios obtidos no âmbito desses programas sejam analisados a partir dos conceitos de participação periférica legítima e aprendizagem situada, desenvolvidos por pesquisadores como Lave; Wenger (1991, 1996) e Rogoff (1998). Esses autores argumentam que a aprendizagem não pode ser entendida apenas como uma simples aquisição de informações, já que envolve interações sociais em contextos cultural e historicamente estruturados – entendimento que dissolve a dicotomia entre as atividades cerebral e prática. Damiani defende a ideia de que os programas de iniciação científica, quando desenvolvidos em grupos colaborativos, podem produzir uma ampla gama de aprendizagens, para além da formação técnica, tanto nos estudantes quanto nos professores orientadores.

No sexto capítulo, Gisele Silva Lira de Resende e Marly Augusta Lopes de Magalhães, em seu estudo *A práxis do professor universitário versus alunos indígenas* salientam que na atual sociedade do conhecimento se reconhece, cada vez mais, a necessidade de garantir a elevação dos níveis de qualidade da educação, a partir de investimento nos processos de formação do pessoal especializado, para levar a cabo os processos formativos. A adequada preparação do pessoal docente é um dos fatores que incide na qualidade educacional.

Logo, entre os desafios atuais está a profissionalização permanente dos docentes, problema que se erige como essencial e cuja solução depende, em grande medida, do enfrentamento que se pode fazer das problemáticas da unidade e diversidade. A presença dos alunos indígenas nas universidades vem, segundo as autoras, colocando novas dimensões e novas possibilidades de investigação para os pesquisadores que estudam o tema e os desafios postos e aos que saem de suas aldeias em busca de novos conhecimentos e de novas formas de encarar a vida. Nesse contexto, Rezende e Magalhães buscam refletir sobre a práxis pedagógica de Professores do Instituto Universitário do Médio Araguaia (UFMT) e suas relações sociais e pedagógicas. As autoras ressaltam a importância do respeito aos princípios básicos dos alunos da etnia xavante, bem como, aos saberes que cada um traz internalizado de seu ambiente natural.

Renato de Sousa Porto Gilioli e Afrânio Mendes Catani analisam, no sétimo capítulo, as políticas de educação superior no contexto das universidades estaduais paulistas. Partem de um breve balanço das políticas neoliberais desde a década de 90, seu relativo esvaziamento recente no plano discursivo, além da manutenção de mecanismos legais e políticos baseados nessa corrente de pensamento e atuação, em particular na educação superior paulista. Tendo como enfoque as iniciativas do governo José Serra em relação às universidades estaduais, são abordadas as questões da investigação científica e da produção do conhecimento sob a perspectiva de tópicos como avaliação, restrições orçamentárias, mecanismos de participação da comunidade na gestão universitária e propostas de implementação de cursos de Educação a Distância. Ao final do estudo, os autores concluem que é preciso reexaminar o papel da educação e, conseqüentemente, do professor, a fim de se manter um diálogo biunívoco e dialógico com uma sociedade plural. E, enquanto isso não acontece, será presenciada no contexto escolar, uma soma de crenças e atitudes linguísticas equivocadas em relação a cada uma das línguas de uso, que tem incidência nos métodos de abordar o processo de ensino, fundamentado, atualmente, em um monolinguísmo que exclui qualquer intenção de interculturalismo e de multilinguismo.

No oitavo e último capítulo, María Adoración Holgado Sánchez, Maria Teresa Ramos Bernal e Ernâni Lampert abordam uma problemática complexa,

atual e polêmica, que é a produção do conhecimento na universidade. Essa investigação é produto de uma colaboração internacional de duas instituições de educação superior, a Universidade Pontifícia de Salamanca – Espanha – e a Universidade Federal do Rio Grande – Brasil. Em uma primeira instância, os autores situam, de maneira sinóptica, os *Programas Universitários para Mayores* em Espanha, que são uma forma organizada de educação permanente e de produzir conhecimento. Na segunda parte, descrevem a delimitação do campo investigativo (caracterização e alcance, finalidade e objetivos, população e amostra, instrumentos de coleta de dados) e a análise de dados da investigação que foi realizada na Universidade da Experiência da Universidade Pontifícia de Salamanca durante os anos de 2006 e 2008 com o objetivo de analisar o discurso dos *mayores* em relação à pós-modernidade. Na parte final, a título de reflexão, apresentam algumas considerações resultantes desse estudo e sugestões para pesquisas posteriores.

Esperamos, com este livro, contribuir para iluminar e amplificar o debate sobre a universidade, *locus* privilegiado de construção de conhecimento científico, e as suas relações com a sociedade, bem como potencialidades da ciência e tecnologia para a sustentabilidade social e os desafios com que nos defrontamos para construir mediações entre universidade e sociedade.

Ernâni Lampert e Máira Baumgarten